

**CENA EM SANKOFA:  
contributo para a pesquisa afrorreferenciada nas artes cênicas brasileira**

**ESCENA EN SANKOFA:  
contribución a la investigación con referencia afro en las artes escénicas  
brasileñas**

**SCENE IN SANKOFA:  
contribution to Afro-referenced research in Brazilian performing arts**

Jonas Sales – Universidade de Brasília<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-1050-7043>

**Resumo**

A conversa aqui apresentada, deseja mostrar um panorama das atividades de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa e extensão Cena Sankofa da Universidade de Brasília como corroboração para a formulação de conhecimento para as artes da cena em busca de um aprendizado afrorreferenciado. Levanta-se os conteúdos e os procedimentos metodológicos que balizam caminhos para a formação de pesquisadores na graduação e pós-graduação propondo-se a visibilizar epistemologias plurais.

**Palavras-chave:** Epistemologia afrorreferenciada, Pesquisa da cena, Cena Sankofa.

**Resumen**

La conversación aquí presentada tiene como objetivo mostrar un panorama de las actividades de investigación desarrolladas por el grupo de investigación y extensión Escena Sankofa de la Universidad de Brasilia como corroboración para la formulación de conocimientos para las artes escénicas en busca de aprendizajes referenciados a lo afro. Se relevan los contenidos y procedimientos metodológicos que orientan la formación de investigadores en los niveles de pregrado y posgrado, proponiendo visibilizar epistemologías plurales.

**Palabras clave:** epistemología afrorreferenciada, Investigación de escena, Escena Sankofa.

**Abstract**

The conversation presented here aims to provide an overview of the research activities developed by the Sankofa Scene research and extension group at the University of Brasília as support for the formulation of knowledge for the performing arts in search of Afro-referenced learning. The content and methodological procedures that guide the paths for the training of researchers in undergraduate and graduate programs are raised, proposing to make plural epistemologies visible.

<sup>1</sup> Universidade de Brasília. Doutor em Artes. Pesquisa concluída. Artista da Cena e Professor do Departamento de Artes cênicas/UnB na graduação e programas de pós graduação: PPGCEN/PROFARTES e coordenador do Núcleo de pesquisa Cena Sankofa.

**Keywords:** Afro-referenced epistemology, Performing arts research, Sankofa scene.

Ao refletir sobre as epistemologias construídas ao longo do percurso sobre a organização do pensamento, considerando épocas diversas e, principalmente, os saberes que se instauram a partir do iluminismo e modernismo, faz-se oportuno questionar valores e paradigmas formulados por uma gama de pensadores, filósofos, sociólogos, psicólogos, antropólogos que nos fizeram acreditar em formatos únicos e superiores de criação e organização epistêmica, assim:

Aquilo que era certo na Modernidade, a saber, a existência de uma forma por excelência de conhecer, de um meio incontestavelmente mais válido para produzir saberes confiáveis, já não se sustenta. Finalmente, a *democracia* que se caracteriza como valor pretensamente universal, chega ao campo da epistemologia, exigindo, assim, espaço para o diverso, para o outro. (PIZA e PANSARELLI, 2012, p.27)

Apontando para preocupações que permeiam o espaço acadêmico em que, pensar e abrir espaços para a construção de uma diversidade epistêmica é algo que se faz necessário e urgente, propõe-se aqui um diálogo que possa contribuir para reflexões da pesquisa nas artes cênicas e educação com um caráter afrorreferenciado em seu arcabouço. Deseja-se mostrar um panorama das atividades de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa e extensão *Cena Sankofá – núcleo dos estudos das corporeidades e saberes tracionais na cena contemporânea* do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília como corroboração para a formulação de conhecimento para as artes da cena. Levanta-se os conteúdos e os procedimentos metodológicos que balizam caminhos para a formação de pesquisadores na graduação e pós-graduação.

Parte-se então, de uma real necessidade em romper com formatos impostos por séculos por um agrupamento de raciocínios que imperam no âmbito do conhecimento. Vislumbra-se por elaboração de percursos acadêmicos que possam conduzir para formatos de pesquisas que quebrem paradigmas de uma sistemática de formatações de saberes que nos foram passados como verdade absoluta para seguir. Como possibilidade de abertura concreta para a diversidade do conhecimento na pesquisa acadêmica, nutrir-se da herança africana é essencial para o atual momento. Não só como resgate, mas sobretudo, abertura e apresentação de saberes que foram apagadas e minimizadas.

Bem sabemos que a sociedade do conhecimento construiu a ideia de que o início do referencial teórico, filosófico, científico advém da Grécia. Assim, tal construção fez surgir uma África não acreditada e ridicularizada ao longo da história. Essa ideia construída reforça-se na seguinte fala:

Ora, é verdade que nas leituras comuns da história encontramos referências ao norte da África como berço das civilizações, mas também, em geral, tomamos as sociedades africanas como anedóticas, caricatas ou infantilizadas, dedicando especial atenção, na condição de sociedade exemplar, à Grécia, sobretudo helênica. (PIZA e PANSARELLI, 2012, p.27)

Dessa forma, distanciar os saberes advindos da África tornou-se uma prática comum na formação ocidental. Criou-se então um domínio e poder do pensamento e das metodologias na pesquisa ocidental que vai de encontro a uma fundamentação de poder dos colonizadores que receiam uma descolonização, pois assim, se abre para novas certezas que não eram de interesse dos donos do saber absoluto. A ideia de um clássico greco-romano se espalha como sendo o único caminho a seguir. Desse modo “existe uma imagem distorcida acerca da África e dos africanos. Terra de figuras monstruosas segundo Heródoto, Plínio, Rabelais e tantos outros, a África era vista pela Europa como ‘**uma porta para o inferno**’”. (SANTOS, 2002, p. 53). Essa ideia aterrorizadora projeta-se nos estudos acadêmicos como se fosse um caminho que não se sabe onde vai dar. É a escuridão do saber e algo para ser desconstruído com urgência.

Portanto, é necessário falarmos sobre pesquisas em Artes Cênicas em que temáticas e questionamentos sobre o negro e negritude, discussões no campo de uma educação étnico-racial, as culturas do corpo afrorreferenciada estejam presentes nos espaços do saber. É urgente a ruptura com as ideias eurocentradas construídas e difundidas ao longo da história humana sobre os negros e suas culturas. Desse modo, propõe-se aqui, refletir e contribuir para que pesquisadores negros e negras, bem como pesquisas que falam sobre estes e suas estéticas de negritude possam estar à frente da vitrine de nossos espaços acadêmicos. Descolonizar o pensamento na pesquisa acadêmica vai ao encontro do não domínio da razão ocidentalizada evocada por um longo tempo na formação da humanidade. Pensar e abrir espaços para outras epistemologias sugere a real versão do mundo em que vivemos que não é uma hegemonia como se propagou. Outras metodologias, outros saberes e outros poderes devem ser referenciados em respeito ao que somos enquanto seres que vivem em comunidades e refletem subjetividades diferenciadas. A racionalidade científica como modelo totalitário já não é princípio, meio e fim do saber científico acadêmico nos discursos que envolve as discussões contemporâneas.

A (re)construção do conhecimento afrodiáspórico no meio acadêmico é fruto de uma luta constante e de uma elaboração que consiste uma manutenção diária para que não haja retrocesso na perspectiva de evidenciar os saberes da negritude no Brasil e no mundo. Os saberes de África e de seus sujeitos resultantes da diáspora é uma questão de força e ações que envolve uma política constante. Como enfatiza Amauri Pereira (2012, p. 27) “para conquistar o direito a história, teria que

ser o próprio africano (com a cumplicidade dos negros da diáspora), o sujeito das ações. E é no campo da ação política que efetivamente se resolvem questões de tal envergadura.”

Para Nilma Lino Gomes (2017), muitos dos saberes emancipatórios que vem se desenvolvendo no Brasil em campos como a sociologia, antropologia e educação se dão devido as lutas de movimentos sociais nas últimas décadas. Tais movimentos indagam e fazem surgir temáticas que conduzem para a quebra dos saberes dominantes. Neste sentido, percebo o quanto fundamental são grupos que agregam pesquisadores que visam a contribuição para a reflexão dos saberes que significa e resignifica a África negra. Vejo que pensar a pesquisa em Artes Cênicas com uma perspectiva afrorreferenciada, deve estar inserida em diversas camadas da sociedade, principalmente em espaços de aprendizagem, contribuído para uma educação e política antirracista.

Fomos educados para aceitar uma hegemonia do saber do colonizador europeu, deixando de lado uma pluralidade de conhecimentos, uma multiculturalidade que é presente, especialmente na cultura brasileira. Fomos encorajados para acreditar em uma fórmula universal do apreender, e isso fez com que fossemos moldados por grupos de pensadores que nos impuseram uma epistemologia e metodologias de pesquisas que não valorizavam outros olhares, outros procedimentos de temáticas.

Assim, como aponta bell hooks;

Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural pois tem medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas. (HOOKS, 2017, p.51)

É nesse contexto do desafio, a perceber a pluralidade e agregar os saberes de espaços que reúnem culturas múltiplas, que penso e desejo as pesquisas nas artes cênicas. Proponho que tenhamos outras possibilidades de referências e aberturas para formatos diversos de temáticas e procedimentos metodológicos. Que possamos não temer outras abordagens e que, perder o controle sobre o conhecimento hegemônico não seja considerado como algo preocupante e sim, agregador.

Preocupa-me como docente em curso de Artes Cênicas de uma grande universidade brasileira, que é espaço de formação de pessoas, proporcionar reflexões que venham enriquecer e provocar os parâmetros de conhecimentos que nossos formandos buscam em cursos de graduação e pós-graduação. Diante disso, é pertinente contextualizar de onde estou falando e quem fala: Eu, um nordestino de terras potiguaras, negro dito “pardo” pelo IBGE, filho de pai preto e mãe de descendência indígena, que veio morar na capital federativa do Brasil, uma cidade relativamente jovem em comparação com tantas outras cidades brasileiras seculares. Chego então nesta terra

inventada e, com isso, veio a descoberta da vivência e convivência com esta nova localidade e seus moradores. Uma nova perspectiva de desvelar e de agregação cultural, bem como contribuição para a proposição do conhecimento de minhas histórias culturais. É assim, num contexto de uma jovem cidade, que constantemente está a elaborar-se como sociedade e construindo a sua história cultural, que, pensando em contribuir com os jovens estudantes de uma grande e importante instituição de ensino acadêmico, me coloquei como um caminho possível de levar saberes de outras culturas que, até então, muitos desses jovens discentes não havia tido contato. Digo isso, diante do histórico de seis décadas de vida em que se percebe uma construção da cultura do Distrito federal em seus aspectos de expressões do povo e estéticas artísticas. Assim, um espaço geográfico que se elabora a partir dos seus construtores e ocupantes vindos de diversas localidades do Brasil e que está em contínua transformação e construção de suas características culturais. Neste sentido, percebo lacunas no conhecimento da população, em especial os alunos que convivo no espaço acadêmico, no que diz respeitos as manifestações e saberes cênicos de outras regiões brasileiras, incluindo aspectos das culturas negras e indígenas.

A provocação com conteúdos que revelam as histórias dos povos negros da diáspora africana em nosso país é de extrema relevância para a formação em nossas universidades. As temáticas que apresentam o conhecimento africano, as culturas afro-brasileiras e de negritude no Brasil trazem elementos que precisam e devem ser exploradas para que mais e mais pessoas possam compreender a importância para a construção de nossa sociedade e cultura. Precisamos viabilizar que os saberes desses povos sejam destituídos dos preconceitos enraizados ao longo da construção histórica colonizadora no Brasil. Precisa-se acabar com a ideia de folclorização dos saberes pretos.

O conceituado cientista social Eduardo Oliveira, vem corroborar com esse pensamento de não folclorização dos saberes negros que aqui exponho, reforçando que “As culturas africanas e afro-brasileiras foram relegadas ao campo do folclore com o propósito de confiná-las ao gueto fossilizado da memória”. (OLIVEIRA, 2009, s/p). Desse modo, percebe-se o quanto as histórias dos negros foram reduzidas e minimizadas, constituindo uma estereotipia dos saberes que estes trouxeram.

Folclorizar, nesse caso, é reduzir uma cultura a um conjunto de representações esteriótipadas, via de regra, alheias ao contexto que produziu essa cultura. Uma estratégia de dominação efetiva é alienar do sujeito cultural sua possibilidade de produzir os significados sobre seus próprios signos idiossincráticos. Uma vez alienado, desvia-se a produção de significados sobre sua cultura para os sujeitos que não vivenciam, e, pelo contrário, aproveita-se da cultura agora explorada semiótica e economicamente. Assim, a epistemologia, fonte da produção de significados, é fundamental para a afirmação ou negação de um povo e sua tradição, de uma cultura e sua dignidade. (OLIVEIRA, 2009, s/p)

Assim sendo, ao negar as epistemologias construídas em solos brasileiros a partir da diáspora negra é enterrar tradições e escurecer a luminosidade que estão implícitas no conhecimento tradicional desses povos que aqui chegaram.

Desse modo, construir elos e possibilidades em que a exposição dos saberes produzidos pelos povos negros, mostra-se como fundamental para elaborarmos os espaços de construção do conhecimento na contemporaneidade. Tal pensamento é reforçado na fala de Munanga e Gomes (2006), quando apontam os diversos movimentos de luta e resistência no Brasil como meio de mostrar a vastidão e riqueza dessas culturas.

Uma história que é preciso conhecer para se ter orgulho da herança negra e africana e para se ver de maneira positiva a presença negra. Trata-se de reconhecer a força e a importância do povo negro em nosso país, conhecer a sua história e contá-la para as novas gerações. (MUNANGA & GOMES, 2006, p. 101)

Com essa perspectiva de enfatizar, descobrir, conectar-se aos saberes de uma ancestralidade presente em nossa história e cultura, cria-se no ano de 2016 o Núcleo de estudos *Cena Sankofa – núcleo de estudos das corporeidades e saberes tradicionais na cena contemporânea*, com o propósito de promover descobertas e diálogos das corporeidades do fazer cênico e os saberes tradicionais da cultura afro-brasileira. Tal grupo, formalizado no CNPq e sediado no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, vem promovendo ao longo de sua história, encontros, palestras, oficinas, pesquisas que busquem trazer e refletir as estéticas para a cena de histórias e aspectos de culturas em que a matriz de africanidade esteja presente. Desse modo, o núcleo vem se consolidando com o desejo de contribuir com a ampliação da pesquisa em que a diversidade da negritude e a reflexão de uma educação antirracista estejam contempladas.

As atividades são desenvolvidas por pesquisadores/as desde a graduação ao doutoramento. Em suas pesquisas, mostram a preocupação em refletir e constituir materiais que reforçam a presença dos saberes dos povos negros no âmbito da cena e educação dando visibilidade as estéticas, produções e problemáticas que envolve as questões da negritude brasileira, apontando caminhos para uma educação artística antirracista.

A própria escolha do nome do núcleo busca relacionar sua identidade com a ancestralidade da diversa cultura africana. Ao pensar Sankofa (Sankó = voltar; fa = buscar, trazer) inspira-se no provérbio tradicional dos povos de língua Akan que povoam a África Ocidental, Gana, Togo e Costa do Marfim. Resgata-se a ideia de que “não é tabu olhar para trás e buscar o que esqueceu para avançar

e seguir em frente”. Então, comumente representado pelo símbolo Adinkra de um pássaro que voa para frete com a cabeça voltada para trás e um ovo na boca, indicando o futuro.

Ao logo dos anos, do surgimento do núcleo de estudos ao atual momento, foi possível realizar ações que vem se construído de modo contínuo em edições, permitindo uma afirmação de projetos que consolidam a presença dos saberes que envolvem e constituem elementos dos povos negros em diáspora que aqui chegaram. Com os estudos, experimentos e ações desenvolvidos por este grupo, a universidade de Brasília se insere no campo dos saberes das culturas e tradições populares, negritude e educação com foco na perspectiva do trabalho corpóreo do artista cênico, das discussões étnico-racial na educação e para a cena. Busca-se por meio de pesquisas, encontros para estudos, seminários e experimentações cênicas, promover reflexões e apontar caminhos que possam fundamentar as atividades e produções artísticas nas áreas das Artes Cênicas para estéticas e pensamentos afrorreferenciadas. Com isso, provoca-se a perspectiva para edificação de metodologias e pedagogias que dialogam com a diversidade cultural e o fazer cênico com proposições corpóreas de saberes tradicionais em diálogo com a contemporaneidade. Almeja contemplar a participação de discentes de artes cênicas e outras linguagens da arte, artistas da cena, professores do ensino básico, bem como o público em geral interessado nesta proposta de construção de saberes. Paralelo as atividades de pesquisas, associa-se ações de extensão que também nutrem a organização do conhecimento que se deseja nessa seara de culturas, constituindo tarefas que demonstram a importância de pesquisa e extensão não estarem em instâncias distintas nos fazeres acadêmicos, e sim, em constante complementação.

No âmbito dos estudos feitos, estamos preocupados em manter, bem como, constantemente, construir a identidade dos povos negros em nosso território, “valorizar o passado e recriá-lo no presente é o modo de sustentar sua identidade” (MOURA, 1996, p. 77). O campo de estudo e descoberta como interesse do núcleo vai desde as festividades, suas danças, musicalidades, brincadeiras e as religiosidades que permeiam os afro-brasileiros, até as corporeidades e recriações do artista cênico para o palco e reverberações na educação. Nesse sentido, amplia as possibilidades do pensamento estético não hegemônico para a formação de um artista e pesquisador cênico que esteja desprendido de formatos colonizadores. Vamos atrás dos símbolos e signos construídos pelos povos negros no Brasil, principalmente no contexto de seus corpos, pois

Nesse processo, o corpo foi o principal veículo de resistência e transgressão. Por meio dos jogos, das festividades, da dança, das cerimônias religiosas de iniciação, das ervas ingeridas, da transformação dos alimentos, das intervenções estéticas no corpo e, sobretudo, nos

cabelos, os negros recriaram tradições, inventaram novos símbolos, guardaram a memória ancestral e as ensinaram às novas gerações. (MUNANGA & GOMES, 2006, p. 153)

Considerando as corporeidades presentes nas expressões de culturas afro-brasileiras, as pesquisas se mostram como potencializadoras de propostas de estudos para a cena no campo da dança, teatro e performance. As pesquisas também avançam no campo da educação com ampla reflexão de como podemos construir uma educação antirracista através do ensino das Artes Cênicas.

Para compreender a construção da pesquisa em artes cênicas e educação promovida pelo núcleo de estudos Cena Sankofa, exponho as ações realizadas e produções que marcam o histórico e contributo desse grupo de pesquisadores.

#### - No campo da pesquisa

O núcleo acompanha o desenvolvimento das pesquisas de doutorado, mestrado e iniciação científica em que mostram 4 trabalhos de mestrado defendidos, e 7 de Iniciação Científica abordando temáticas que relacionam negritude, educação e corpo em cena, que destaco;

- Narrativas de uma não experiência: saberes construídos na luta antirracista no ensino de Arte (Dissertação de mestrado - Yasmim Coelho)
- Um olhar sobre a dança funk presente nos corpos dos alunos do EMEI Monteiro Lobato. (Dissertação de mestrado - Marília Nepomuceno)
- Que Corporeidade é essa? Caminhos para reflexões Estéticas e identitárias no espaço da escola (Dissertação de mestrado - Kalil Alencar)
- Possibilidades pedagógicas com a Capoeira em aulas de Arte. (Dissertação de mestrado - Rildo Frederico)
- DANÇA SUSSA: discussão do corpo e cultura na comunidade kalunga (Iniciação científica – Leandra Pimentel)
- A Negritude em cena: O Teatro do Oprimido, teatro encenando a realidade (Iniciação científica - Fabiana Oliveira)
- A capoeira angola como prática da artista cênica: um diálogo com Corpo-Diáspora-Limiar-Negritude. (Iniciação científica - Mariane Marinho)
- Performance Negra no Distrito Federal e entorno - Diálogos e Perspectivas (Iniciação científica - Jéssica Lima)

- A cena negra: um estudo acerca dos conflitos entre identidade e representação de estudantes negros (as) do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (Iniciação científica - Rodrigo Santiago)
- A influência das danças africanas na expressão corporal das folias kalunga. (Iniciação científica - Amanda Mendes)
- A Caçada da Rainha de Alto Paraíso - GO. 2014 (Iniciação científica - Clarice César)

Destaco ainda, o “Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias” que visa fomentar a produção acadêmica e artística no que concerne às discussões e estéticas afrorreferenciadas, sobretudo, em pesquisas que promovem a articulação entre ancestralidade, estéticas negras e contemporaneidade na cena que já conta 6 edições (2017, 2018, 2019, 2020, 2022 e 2024) com participação de importantes pesquisadores e colaboradores dos estudos da cena brasileira afrorreferenciados. Dentre estes, faz-se importante citar: Nadir Nóbrega (UFSE), Zeca Ligiéro (UniRio), Evani Tavares (UFBA), Lêda Maria Martins (UFMG), Carmen Luz (Cia. Étnica de Dança), Fernando Ferraz (UFBA), Alexandra Dumas (UFBA), Luciane Ramos (UNICAMP), Renata Lima (UFG), Grácia Navarro (UNICAMP), Graça Veloso (UnB), Nelson Inocêncio (UnB), Elison Oliveira (SEE-DF), Victor Hugo Oliveira (UFPB), Juliana Rosa (Oju-Obirin – UFRJ), Fernanda Onisajé (TPC-BA), Renato Mendonça (UFRJ), Flávio Campos (UFSM), Juliana Manhães (UniRio), Marcos Antônio Alexandre (UFMG), Vânia Oliveira (UESB), Arilma Soares (UFBA), Paulo Petronilo (UnB), Érico José (UnB), Mabel Freitas ( USP), Alisson Araújo (UnB), Gil Amâncio (UFMG), Katya Gualter (UFRJ), Osvanilton Conceição (UEMS), Evandro Nunes (UFOP) e Monilson dos Santos.

#### - No campo da extensão

Para construir relações com a comunidade em geral, desenvolvemos ações de extensão com o propósito de expandir e proporcionar os saberes afro-brasileiros para as diversas camadas da sociedade. Pontua-se os projetos: “CEN(a) Sankofa no Cerrado”, desenvolvido na Chapada dos Veadeiros em Goiás que proporciona a relação da comunidade com obras artísticas dos alunos do curso de Artes Cênicas e oficinas de teatro e dança, e o “Sarau Negro”, espaço para projeção de produções artísticas de negros e negras.

#### - No campo da produção artística

\* Ori(female)xás (2014) – Espetáculo cênico

\* Axé Nzinga (2016) – Espetáculo Cênico

\* Transegum (2018) – Leitura dramática

\* Estado de Risco (2020) – Performance audiovisual

\* Os bichos têm Razão (2023) – Espetáculo cênico

Com essas ações de pesquisa, extensão e arte, o núcleo de estudos Cena Sankofa se coloca como um colaborador para a edificação da pesquisa em que as nossas matrizes negras, vivenciadas, produzidas e apropriadas por nossos ancestrais, possam manter-se vivas e contínuas na perspectiva do ensino-aprendizagem em nossas intuições acadêmicas. Este caminho que se constrói com os pesquisadores envolvidos no núcleo de estudos, confirma que é de fundamental relevância a permanência dos estudos afrorreferenciados no âmbito dos saberes em Artes Cênicas. Romper com a colonização do conhecimento é o que se deseja, construindo sentidos e ampliando o universo de saberes plurais.

Devemos assim evitar uma colonização de saberes entre campos de conhecimento, mesmo dentro da própria área chamada “Humanidades”. Precisamos, portanto, denunciar a relação de poder que está por detrás dos processos de validação ou invalidação de propostas e procedimentos de pesquisa. Assim, evidenciamos que toda produção discursiva de natureza epistemológica é uma produção de sentidos implicados em circunstâncias organizacionais e políticas específicas, de interesses diversos, inclusive aqueles que são escusos e nocivos. (BRAGA et al, 2017, p. 181)

É incontestável a necessidade de estímulos e projeções da pesquisa em artes cênicas que contemplam os saberes dos povos negros em seus aspectos estéticos e histórico-cultural. Os espaços acadêmicos têm o dever de pensar na reparação da ausência e diversas lacunas no que diz respeito ao tão importante conhecimento gerado pela presença insistente, persistente, imperativo de cada homem e mulher de pele escura que nesses solos pisaram.

Assim sendo, venho destacar o trabalho de dissertação de Yasmin Coelho de Andrade (2023); “Narrativas de uma não experiência: saberes construídos na luta antirracista no ensino de Arte” como exemplo de reflexão sobre a temática do corpo que dança e negritude no espaço escolar que em sua proposta diz: “o trabalho pretende delinear caminhos para a construção de uma pedagogia decolonial em artes, que assegure representações positivas e agregadoras dos afro-brasileiros e que tenha como foco uma educação com base no respeito à diversidade.” (p. 8). Neste trabalho, a pesquisadora buscou a construção de um reconhecimento da cultura negra dentro do espaço escolar, e que, a “não experiência” no título se deu pelo motivo de interferências da instituição educacional e de familiares

que foram forças e sujeitos basilares para que desencadeasse em uma reflexão sobre o preconceito e discriminação da cultura negra, em especial a cultura do funk como arte e de formação de saberes negro no espaço escolar. Este fato pesquisado está descrito no resumo do trabalho como segue:

A ideia inicial dessa pesquisa foi criar um grupo de atividades prático-críticas na escola para vivenciar o jongo e o funk, bem como para traçar debates que pudessem despertar o pensamento crítico dos estudantes para as questões do racismo e do preconceito. Estabelecendo uma aproximação entre essas duas expressões, pretendíamos estimular o interesse dos estudantes – e, por extensão, de toda a comunidade escolar –, a fim de que o corpo discente pudesse desmistificar aspectos artístico-culturais de matrizes africanas (até hoje vistos sob uma perspectiva negativa) muito presentes no cotidiano do próprio corpo discente, de tal modo que, ao reconhecer esses aspectos, os estudantes pudessem ressignificar e valorizar – muitas vezes a própria – negritude. Entretanto, por conta do racismo estrutural e religioso, este projeto não aconteceu e o curso dessa pesquisa sofreu algumas modificações. Este trabalho, então, relata três narrativas de experiências ocorridas na sala de aula, no ensino de Arte, que não aconteceram como o previsto por causa das discriminações e preconceitos, muito arraigados na sociedade, contra as tradições afro-brasileiras. Relatos de experiências que eu passo a chamar de não experiências. (ANDRADE, 2023, p.8)

Com isso, venho resgatar falas antes ditas nesse diálogo e reforço para a insurgência em que percebemos a pluralidade dos saberes nos espaços de ensino e, consequentemente, nos espaços sociais em que estamos vivendo em coletividade. Clamo pelo respeito à diversidade de culturas que se constitui no Brasil e que estas possam estar em pé de igualdade com os saberes e instituições hegemônicos que as apagaram e que possam estar nos currículos de nossas instituições de ensino.

Direciono para a importância de abrirmos espaços em nossas instituições para que a construção de saberes possa se dar a partir de pluriepistemologias em respeito contínuo e diálogo permanente. E, diante disso, evidenciar nos currículos a presença dos saberes negros, nessa discussão, especialmente, os saberes da cena negra, para que a representatividade desses povos possa ser identificada e visibilizada em nossa sociedade, faz-se fundamental em nossos dias. Que a pesquisa nesse campo possa explorar a pluralidade da nossa cultura de modo que seja exposta e contextualizada.

Nesse sentido, o trabalho de pesquisa de Yasmim, traz uma fala de sua reflexão final que aponta essa necessidade de abrirmos nossos procedimentos metodológicos e epistêmicos quando diz:

Portanto, dar visibilidade a narrativas outras é fundamental para uma ecologia dos saberes e para uma escola plural, na qual os saberes construídos na experiência social tenham validade tanto quanto os conhecimentos acadêmicos. Saberes construídos na luta coletiva e nos espaços onde a cultura se mantém viva e pulsante... Saberes populares, saberes dos(as) próprios(as) alunos(as), saberes da vida diária e corriqueira do povo negro e indígena (como pensar nas formas mínimas e habituais de como o racismo se expressa e está enraizado no cotidiano), enfim, saberes daqueles(as) que compartilham um mesmo espaço. (ANDRADE, 2023, p. 126)

Concordo e reforço a necessidade de reverter o epistemicídio que foi elaborado por muito tempo por uma razão filosófica imposta por uma ideia universal do saber e que foi destruindo, invisibilizando os demais saberes que não estavam enquadrados no poder hegemônico do conhecimento. Neste caso, o apagamento não é só dos saberes;

também as estratégias de transmissão, a pedagogia não reconhecida por uma educação formal que privilegia uma epistemologia eurocêntrica da branquitude. Precisamos, neste sentido, apresentar um fazer pedagógico que está nos terreiros de candomblé, nas rodas de capoeira e de samba e que pode, muito bem, estar nas instituições de ensino público e particular. (PIMENTA et al., 2022, p166/167)

Diante dos 20 anos da Lei 10.639/03, faz-se pertinente que a história e cultura da África e afro-brasileira cheguem em todas as instâncias do ensino, e, nesse contexto de discussão, que o ensino superior seja um amplo espaço para que seja insurgente os “não novos saberes” que estar se propondo aqui. Os trabalhos de pesquisas buscadas pelos pesquisadores no Núcleo Cena Sankofa estão em constante diálogo com a perspectiva proposta por tal lei, vindo a contribuir para a ampla divulgação e reflexão a respeito da cultura, da arte e sociedade afro-brasileira.

Me apoio na fala da professora Zélia Amador de Deus quando diz;

Com efeito, a Lei nº 10.639/03, resultado de uma história de luta dos descendentes de africanos, impõe aos educadores a tarefa de ensinarem aos seus discípulos que o continente africano é o berço da humanidade, no qual surgiram os ancestrais de todos os homens e mulheres. É preciso ensinar que desse lugar saíram, há cem mil anos, nossos ancestrais para povoar o mundo. (DEUS, 2020, p. 74)

Nesse sentido, acredito que o fortalecimento da pesquisa em Artes Cênicas, no que diz respeito a presença negra em cena em todos os seus aspectos, precisa ser edificada nas bases de nossas instituições. “É necessário criar outro pensamento, outra epistemologia, que será postulado da resistência política de implantação de outras formas de vida.” (PIZA e PANCELLI, 2022, p.34), e assim, possibilitar a ruptura com as formas construídas e impostas por meio da ocidentalização do saber. Faço minhas as palavras de Eduardo Oliveira ao dizer que “A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer.” (OLIVEIRA, 2009, s/p)

O que se percebe então, é que em decorrência de toda uma formação nos espaços de ensino e contextos sociais fruto da colonização que tivemos em tempos passados, tais saberes e hábitos ainda

se encontram fortemente arraigadas no entendimento e nas práticas docentes que são herdeiras explícitas das epistemologias fundamentais dos divulgadores colonizadores que se edificou por meio das ações de perversidade de subjugar os demais saberes e promovendo uma violência e ignorância cultural.

Portanto, defendo a perspectiva para a formação das pesquisas acadêmicas nas Artes Cênicas em que as descobertas devam ser proporcionadas desde o ensino básico e consolidadas, tais investigações, nos espaços de ensino superior de modo a favorecer pesquisas que enalteçam a ancestralidade que nos pertence e que possa, como o pássaro Sankofa, projetar tais saberes para o futuro.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Yasmin Coelho de. **Narrativas de uma não experiência: saberes construídos na luta antirracista no ensino de Arte** / Dissertação de mestrado, Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BRAGA, Bya et al. **Sobre o rigor da pesquisa em artes cênicas na universidade brasileira**. Revista ouvirouver, Uberlândia, v. 13, n. 1 p. 1 78-1 87 jan/jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/OUV20-v13n1a2017-13>

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. 1<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador – saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a progredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MOURA, Glória. A força dos tambores: a festa nos quilombos contemporâneos. In: SCHWARCZ, Lilia Morite; REIS, Letícia Vidor. (Org). **Negras imagens: Ensaios sobre cultura e Escravidão no Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paul: Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A epistemologia da ancestralidade**. Revista Entrelugares – Revista de Sociopoética e abordagens afins, 2009 – Disponível: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf> acesso em 30 de março 2019.

PEREIRA, Amauri Mendes. **África – para abandonar esterótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

PIMENTA, Renata Waleska de Souza et al. **A Pedagogia da Ancestralidade no ensino de linguagem.** ACENO, 9 (21): 159-172, setembro a dezembro de 2022. DOI:[10.48074/aceno.v8i18.13760](https://doi.org/10.48074/aceno.v8i18.13760)

PIZA, Suze de Oliveira; PANSARELLI, Daniel. **Sobre a descolonização do conhecimento – a invenção de outras epistemologias.** Estudos de Religião, v. 26, n. 43 • 25-35 • 2012.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do Ser Negro – um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.